

# Mia Couto, o “arquiteto da prosa”: História, literatura e cultura escrita moçambicana.

*Cristhiano Santos Teixeira<sup>1</sup>*

**Resumo:** Neste artigo pretendo estabelecer uma relação entre história, literatura e cultura escrita, assumindo como epicentro dessa reflexão o “tempo histórico”, que é constituído na África. Nesse entremeio, pretendo discutir como poderia ser por vezes essa imagem do tempo que é instituída e concebida na sua variedade através de alguns dos relatos literários do poeta Mia Couto. Nessa minha leitura dos acontecimentos, desses textos literários, provooco novamente uma crítica à valoração da cultura nacional e da identidade moçambicana que por vezes estão encobertas pela ordem do *tempo* na cultura. Essa importante junção da literatura, história e cultura, atravessa a sociedade moçambicana que vive hoje, no seu pós-independência, problemas nítidos com a linguagem, a unidade, a identidade etc. Na maior parte dos textos realizados nesta pesquisa existe uma prefigurada relação entre as histórias contadas e as metáforas que o escritor invoca para dizer do significado que “passado” e “futuro” possuem na configuração do tempo moderno, do presente moçambicano.

**Palavras-chave:** Literatura moçambicana; Mia Couto; tempo; cultura escrita; identidade.

**Abstract:** In this article I intend to establish a relationship between history, literature and written culture, assuming as epicenter of this reflection the "historical time", which is constituted in Africa. In this section, I intend to discuss how this image of time could be sometimes conceived in its variety through some of the literary accounts of the poet Mia Couto. In my reading of the events of these literary texts, I again criticize the valuation of the national culture and the Mozambican identity that are sometimes hidden by the order of time in culture. This important junction of literature, history and culture, crosses the Mozambican society that lives today, in its post-independence, clear problems with language, unity, identity and so on. In most of the texts made in this research there is a prefigured relationship between the stories told and the metaphors that the writer invokes to say of the meaning that “past”

---

<sup>1</sup> Graduação em História e Mestre em Comunicação. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Goiás nas áreas de História e Cultura Afro-brasileira e Temas de África.

and “future” have in the configuration of modern time, of the Mozambican present.

**Keywords:** Mozambican literature; Mia Couto; time; written culture; identity.

Nossa casa, no tempo, ainda  
era mais próxima do rio, obra  
de nem quarto de légua; o rio  
por aí se estendendo grande,  
fundo, calado que sempre.  
Largo de não se poder ver a  
forma da outra beira. E  
esquecer não posso, do dia em  
que a canoa ficou pronta.

João Guimarães Rosa

Mia Couto é poeta e participou ativamente do processo de independência de Moçambique e, por algum tempo, também esteve diretamente vinculado ao novo governo instituído com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) no início da década de 1990. Ele acentua um pouco dessa sólida e viva passagem que ainda glorificaria uma redescoberta de um país recém-independente, de uma nova África na virada do século XX para o XXI. Percebê-lo em sua unidade e compromisso com as questões e debates em torno da cidadania nos faz seguir nessa lógica sobre a autonomia e a racionalidade escondida por tanto tempo no olhar reducionista e essencialista do europeu. Ele descreve um povo marcado pela oralidade e que não se ausenta das suas próprias histórias ou, talvez, que não se torne excessivamente passivo nelas. Hoje, o *novo* poeta da África

procura defender-se desse mito totalizante da submissão cultural, da aculturação e da redenção colonialista. O poeta Mia Couto recobre a necessidade de se pensar as peculiaridades linguísticas para uma *nova* Moçambique. Em seus discursos pelo mundo e nas suas “palavras impressas” ele não contraria a reunião desses vários elementos que compõem a tradição poética da oralidade no continente, já que boa parte de suas histórias foram resultantes do seu contato com a tradição oral bastante em vigor em algumas regiões do seu país, algumas interiorizadas fora da capital Maputo, por exemplo. É legítimo que a tenhamos, nas partes da sociedade rurais de tradição oral, a *arte oratória* e a *eloquência* como formas de criação literária em África.

A eloquência e a poesia talvez constituam gêneros literários que mais facilmente se adaptaram a tradição autóctone. A África sempre teve poetas, oradores e autores de canções. No encontro entre às tradições poéticas autóctones e as novas formas importadas do mundo ocidental operou-se o contato cultural, sob muitos aspectos o menos doloroso, da literatura.<sup>2</sup>

Nessa lógica poderíamos pensar que atualmente há na África uma rica e produtiva busca pela “autenticidade” cultural das populações após a consolidação da independência. Ocorre que não é mais uma simples busca pelos traços de semelhanças que uniam toda a África no intuito de diferirem do restante do mundo, mas que ao mesmo tempo

---

<sup>2</sup> MAZRUI, Ali A. *O desenvolvimento da literatura moderna*. In. História geral da África, VIII. Brasília: UNESCO, 2010. p. 663. Este capítulo contou com a participação de Mario de Andrade, M’hamed Alaoui Andalaoui, Daniel P. Kunene e Jan Vansina.

procuram traços do que os possa tornar diferentes entre si. É claro que essa interessante preocupação da cultura intelectual africana em sintetizar a sua identidade, no seu influxo variável e, ao mesmo tempo, coeso, é algo certamente similar ao que fizeram outras populações em outras épocas em torno das suas “comunidades imaginadas”. Como fizera o Brasil monárquico no século XIX e que avançou marcadamente presente na literatura modernista do século seguinte.

O que devemos conceber aqui é que não existe, jamais, um único sentido atribuído ao conceito de *moderno* que possamos aplicar aos movimentos artísticos, literários, políticos etc. Ele mesmo não é um termo cimentado e fechado em si, porém, flexível e aberto, não estando nunca pré-determinado por um único movimento esporádico ou restrito a apenas uma *palavra* ou a um contexto histórico. Certamente que os modernismos que marcaram e que se instauraram na África, desde 1935, foram também movimentos que encontrariam suas raízes em outras partes do mundo. Não quero, de forma alguma, me responsabilizar por semear alguma dúvida sobre a autenticidade e a originalidade assentada com o movimento “modernista” que se acentuou na África atualmente, nas originalidades representadas pela cultura escrita moçambicana, por exemplo, que giram em torno desses debates sobre as experiências do passado no intuito de se pensar outras possibilidades de experiência para as suas populações do presente, em suas sociedades modernas. Um modernismo que não recusa jamais as bases tradicionais da sua cultura.

O que quero provocar, então, tem por finalidade atingir algumas das ideias transmitidas pela via literária no universo africano moçambicano, da palavra escrita, e em como essa “atividade que tenha contato com as palavras” afetou ou afeta o pensamento e o comportamento<sup>3</sup> de uma parcela da África contemporânea. Acredito, talvez, que isto poderá de alguma maneira nos forçar a uma experiência em compreender um pouco mais sobre a atual difusão do livro nas sociedades modernas africanas. É evidente que as condições sempre variaram tanto de época para época, de tempo em tempo como de lugar para lugar. Dessa forma, isso poderia perfeitamente nos levar a outras questões, ou níveis de conhecimento, e num outro momento, talvez, pudéssemos traçar melhor uma nuançada problemática sobre a circulação e incorporação da leitura na África (cultura letrada), ou quiçá nos questionar sobre quem lê o quê no continente. Sobre a leitura que se desenvolve, completa Darnton:

Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma idéia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos, quer estejam escrevendo sonetos shakespearianos ou instruções para montar um *kit* de rádio. Um escritor, em seu texto, pode responder a críticas a seu trabalho anterior ou antecipar reações que serão provocadas por esse texto. Ele se dirige a leitores implícitos e ouve a resposta de resenhistas explícitos. Assim o circuito percorre um ciclo completo. Ele transmite mensagens, transformando-as durante o percurso, conforme passam do pensamento para o texto, para a letra impressa e de novo para o pensamento. A

---

<sup>3</sup> DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 65.

história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante.<sup>4</sup>

Talvez o que seja de fato relevante neste texto esteja inscrito ao que Darnton chamaria de “contato popular com a palavra”. De certa forma não pretendo buscar as raízes econômicas do livro, dos negócios em todas as etapas desde a produção até a comercialização e o consumo do livro como fizera genialmente Darnton, mas, por suas razões políticas – afinal, a palavra escrita é incorporada, em Mia Couto, pelos relatos da cultura oral moçambicana, seu patrimônio coletivo –, ouvir a voz da África através das palavras escritas na sua literatura é poder nos alimentar com aquela ilusão de que nos retiramos do nosso próprio tempo para, assim, estabelecer contato com os que vivem no outro mundo.

Parafraseando suas considerações a Jorge Amado e Graciliano Ramos, Mia Couto, na minha concepção, também fala, ao mesmo tempo, da carne e da festa de Moçambique e da pedra e do osso da cultura africana. Sua prosa é verdadeiramente revestida por uma sensibilidade extremamente rara, talvez por um realismo que também pudéssemos encontrar em outras nacionalidades literárias, como, por exemplo, em Jorge Amado, como em “Povo e Terra”<sup>5</sup>, onde *vincando-lhe* o seu caráter de brasilidade a *terra* torna-se a soma, em seu sentido

---

<sup>4</sup> DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. Op. cit., p. 66.

<sup>5</sup> AMADO, Jorge. Povo e Terra. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

amplo, dos vários sertões existentes, do cacauzeiro, da zona de Ilhéus, da cidade de Salvador, de Santos etc. A terra que há no Brasil e que mora no brasileiro é o que há de mais intenso, com seu cenário, seu “habitat”, descritos verdadeiramente pelas palavras do poeta. Talvez este pudesse ser o caráter de um escritor modernista que é, ao mesmo tempo, “porta-voz do oprimido” e integrador de todos os “sertões” a uma imagem mais ampla da cultura nacional.

O seu desejo principal foi o de serem atuais, exprimir a vida diária, dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna. Neste sentido, não apenas celebraram a máquina, como os futuristas italianos, mas tomaram por temas as coisas quotidianas, descrevendo-as com palavras de todo o dia, combatendo a literatura discursiva e pomposa, o estilo retórico e sonoro com que os seus antecessores abordavam as coisas mais simples. Daí tenderem por vezes ao estilo epigramático, à concisão elíptica, visando justamente a corrigir esta orientação monumental. Um poema de Mário de Andrade se chama (verdadeiro desafio às convenções) “O poeta como amendoim”. Replicando ao famoso verso de Gonzaga – “Eu tenho um coração maior que o mundo”, - Carlos Drummond de Andrade dirá: “Não, meu coração não é maior que o mundo. É muito menor”.<sup>6</sup>

Utilizo uma definição do conceito de modernismo abramileirado porque foi com ele que Mia Couto esteve, e ainda está, desde a infância, diretamente envolvido. Devido, principalmente, à influência do pai, que era poeta e antropofagicamente admirador de Caymmi a Jorge Amado. Em algumas entrevistas, Mia Couto desfia

---

<sup>6</sup> CANDIDO, A. & CASTELLO, José A. Presença da literatura brasileira. Modernismo. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. p. 10.

elogios às particularidades narrativas e às características dos autores brasileiros. Para ele, esses autores tiveram uma contribuição significativa para a sua formação como poeta e romancista. No decurso histórico das relações bilaterais entre África e Brasil, no Atlântico, ignoramos constantemente outras travessias, como a do compartilhamento entre as nossas experiências literárias. Nesse intercurso totalmente inverso do que se havia abatido outrora, as obras literárias que chegaram até a África, nas décadas de 1950-1970, chegaram por muitas vias e por vezes ilegalmente.

A arte e a militância, uma vez mais, encontravam-se e atuavam em conjunto. O regime de Salazar, reagindo ao anti-imperialismo militante da África no pós-guerra, fechou a Casa dos Estudantes do Império, interditando-a desde 1952 até 1957. Em 1957, após o seu renascimento, esta instituição enfrentou regularmente as autoridades, antes de ser banida em definitivo, no ano de 1965.<sup>7</sup>

Em uma entrevista Mia Couto afirma que a África, hoje, é menos conhecida no Brasil do que em comparação ao interesse que os africanos lusófonos têm do Brasil. Sempre houve um interesse maior do outro lado, atesta o poeta.

Mia Couto confessa: “a literatura brasileira *sempre* entrou na minha casa pela varanda”<sup>8</sup>, pela porta da frente. Na célebre obra *Se Obama fosse africano?*, admite:

---

<sup>7</sup> MAZRUI, Ali A. *O desenvolvimento da literatura moderna*. In. História geral da África, VIII. Brasília: UNESCO, 2010. p. 674-675.

<sup>8</sup> Retirado de: [www.youtube.com/watch?v=4ryBAE7aJok](http://www.youtube.com/watch?v=4ryBAE7aJok). Comemoração dos trinta anos da editora Companhia das Letras.



Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, os livros de Jorge cruzaram o Atlântico e causaram um impacto extraordinário no nosso imaginário colectivo.

É preciso dizer que o escritor baiano não viajava sozinho: com ele chegavam Manuel Bandeira, Lins do Rego, Jorge de Lima, Erico Verissimo, Rachel de Queiroz, Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e tantos, tantos outros.

Em minha casa, meu pai – porque era e é poeta – deu o nome de Jorge a um filho e Amado a um outro. Apenas eu escapei dessa nomeação referencial. Recordo-me de que, na minha família, a paixão brasileira se repartia entre Graciliano Ramos e Jorge Amado. Mas não havia disputa: Graciliano Ramos revelava o osso e a pedra da nação brasileira. Amado exaltava a carne e a festa desse mesmo Brasil.<sup>9</sup>

Nesse ínterim espaço-tempo da narrativa se pode admitir pelo menos em parte um pouco dessa destreza pelo prazer que nos torna reconhecíveis nas formas do tempo vivido, como afirmaria P. Ricoeur (1994). Já não nos resta nenhuma dúvida quanto à relação da narrativa literária e o tempo, assim como com a história, pois há um interesse que se estende a praticamente toda uma coletividade. Ou seja, a literatura possibilita dizer sobre o que é necessário num dado tempo vivido pelas suas representações. Ela nos faz próximos do que é inteligível e nos deixa exibir a credibilidade necessária sobre algumas imagens universais, nos oferecendo a “falsa” sensação de coletividade.

Mia Couto atesta a importância fundamental do modernismo brasileiro na sua formação como escritor. O modernismo brasileiro era um integrador do sertão e do povo sertanejo nas narrativas e por essa

---

<sup>9</sup> COUTO, Mia. Se Obama fosse africano? E outras intervenções. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 63.

via Moçambique incorporou o campo, no sentido de procurar-se cada vez mais na sua própria literatura, tentando nunca, jamais, tornar-se preso aos modelos advindos do epicentro literário europeu. O Brasil tentou algumas vezes, por necessidade, encontrar-se na África, e, por outro, os africanos, principalmente os de língua portuguesa, intentaram encontrar-se neste debate literário um poder de sugestão. Portanto, nessa *nova* África, a ruptura com Portugal é urgente, e é instrumentalizada na literatura. Ao contrário da África, o Brasil teve muito mais tempo para se recriar, como o de fundamentar para si uma cultura escrita peculiar, que se instituía de “modernismo”, desde seus predecessores oitocentistas, e só recentemente Moçambique se converteria aos dogmas desta seita moderna.<sup>10</sup>

Mia Couto é um desses escritores contemporâneos que através da literatura propõem um novo olhar sobre a África. Ele desafia o leitor a “redescobrir-se” na cultura nacional moçambicana através de histórias que foram sendo, por vezes, inscritas também pelas guerras (sem heróis), pelos costumes, paisagens, vilarejos, famílias, e por populações que “sonharam em ser futuro” – esse futuro que é, por um lado, atualizado pelo seu presente e que, por outro, é pré-determinado pelas experiências passadas. Mia Couto assegura que “os sonhos falam em nós o que nenhuma palavra sabe dizer”<sup>11</sup>. Neste sentido, o que ele talvez queira dizer é que nenhum poeta, na verdade, pode ser concebido

---

<sup>10</sup> Entrevista Roda Viva, 2012. Retirado de: [www.youtube.com/watch?v=6v3buePuzbU](http://www.youtube.com/watch?v=6v3buePuzbU).

<sup>11</sup> COUTO, Mia. Se Obama fosse africano? Op. Cit., p. 12.

restritamente enquanto tradutor de sonhos, mas sim como “produtores de sonhos”. Os poetas são os que podem se aproximar de uma linguagem divina, da sua quintessência, uma parte da língua que jamais poderia ser dita ou falada corriqueiramente. Essa interpretação nos colocaria frente a outro tipo de problema que se inscreveria exatamente nas qualidades que o poeta apresenta ao leitor, para que este possa, assim, sonhar com os sonhos ditos nas histórias pela poesia. Essa tônica discursiva participa também dessa construção conceitual que é a das três temporalidades, na qual passado e futuro dialogam e que deve, assim, intencionalmente, atingir o status de *tempo moderno*.

Bastaram alguns anos após a guerra de independência para que surgisse um novo *espírito* nacional<sup>12</sup> comumente presente nesse moderno conceito de literatura que cresce significativamente no continente africano. Apesar das distâncias e das barreiras acrescidas com as experiências de futuro, o passado deve ser aquilo que é recebido pelo presente enquanto que o futuro se torna sempre mais um lugar concretamente atualizado no presente vivido, isso segundo as proposições categóricas apresentadas por Koselleck sobre o tempo da história.

Atualmente há uma reinterpretação da cultura nacional africano-moçambicana que começa como uma denúncia ao discurso de “vitimização” pelo colonialismo. Como atesta Mia Couto:

---

<sup>12</sup> Antes da independência dos países africanos a poesia já era a “musa da libertação”. Alguns entre os novos militantes e combatentes pela libertação eram poetas ou escritores.

Talvez se esperasse que, vindo de África, eu usasse desta tribuna para lamentar, acusar os outros e isentar de culpas aqueles que me são próximos. Mas eu prefiro falar algo em que todos somos ao mesmo tempo vítimas e culpados. Prefiro falar do modo como o mesmo processo que empobreceu o meu continente está, afinal, castrando a nossa condição comum e universal de criadores de história.<sup>13</sup>

Em Moçambique, atualmente, vive-se um momento em que estes encontros e desencontros entre as culturas africanas demonstram um paraíso de efervescências, de trocas simbólicas e, ao mesmo tempo, de paradoxos instituídos. Segundo Mia Couto não é sempre que as palavras farão a ponte na tradução desses mundos completamente contraditórios por sua diversidade. Em Moçambique, conceitos que muito nos aparecem como algo universal, como *Sociedade e Cultura*, nem sempre serão de fácil correspondência em todas as partes do país. Ele nos diz que não há como exprimir esses conceitos em todas as localidades do país de igual maneira, ou seja, nem sempre haverá palavras nas línguas locais para uma tradução que seja adequada à integração de todos, no sentido do que se pretenda realmente expressar (hoje há mais de 25 línguas nativas em Moçambique e o português é falado por aproximadamente 60% da população). Porém, inversamente, não haverá de igual maneira nas línguas europeias expressões que possam traduzir valores ou crenças das culturas em Moçambique.

Essa pequena parte dos obstáculos que impede muito um projeto mais elevado de cultura nacional, hegemônica, em

---

<sup>13</sup> COUTO, Mia. Se Obama fosse africano? Op. cit., p. 12-13.

Moçambique, na falta de uma língua universal, é embaraçosamente insuficiente para se afirmar a *identidade nacional* no país? Mia Couto prefere pensar o multiculturalismo como algo que encaramos e que carregamos dentro de nós mesmos. Essa dificuldade não é por acaso apenas razão dos diferentes dialetos, mas acima de tudo pela ausência de conceitos que possam ser traduzidos a todos os moçambicanos sem sofrer com isso os problemas do sentido mutilado. Nem sempre haverá tradução em Moçambique para determinada coisa, o que dificulta acima de tudo inserir todas as populações no âmbito da unidade nacional.

Numa entrevista o escritor moçambicano fala dessa renovação da linguagem africana, e afirma que no Brasil continua havendo uma dominação do ponto de vista linguístico e cultural. É claro que esse expansivo domínio do português brasileiro é caracterizado por Mia Couto como sendo uma consequência da imensidão que é o país e também por conta da “capacidade que o país tem de exportar a si próprio, por via da novela de televisão” e acho que posso também acrescentar, sem riscos de ludibriação, da verve literária, neste mesmo sentido.

Eu vim beber no Brasil. Sou mais influenciado pelos poetas brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. A minha casa vivia cheia de poesia, porque meu pai, Fernando Couto, era vitrado em poesia brasileira e francesa. Eu tinha discos da poesia jogral de São Paulo, que hoje ninguém mais conhece. Mas me marcou escutar poemas como “Essa nega Fulô”, de Jorge de Lima. Poesia era mais som do que leitura para mim. Em minha casa viviam essas vozes. Eu nem me dava conta de que poesia vinha do livro. Comecei a ouvir

música brasileira na nossa varanda. Meu pai ouvia também as canções praieiras do Dorival Caymmi e aquele jeito doce de cantar me marcou desde menino. Depois vieram João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa. Quando publiquei *Vozes amanhecidas*, em 1987, eu sofria influência do Guimarães Rosa, embora nunca o tinha lido. Depois o escritor Luandino Vieira, que transgredia a norma incorporando os sotaques de Luanda, chamou atenção em uma entrevista que era influenciado por Guimarães Rosa. Eu consegui uma fotocópia do conto “A terceira margem do Rio” e finalmente li. Quando escrevi o segundo livro de contos, *Cada homem é uma raça*, aí já era totalmente influenciado em Guimarães Rosa. Os contos dele são romances condensados.<sup>14</sup>

Os textos literários foram, por muito tempo, durante os anos do colonialismo, duramente contrastados a clandestinidade. Era a garantia de uma rígida proibição que permanecia condenando a arte e a participação política. Neste período, o laço da poesia e da literatura, mantidos com a *política*, constituem uma das mais marcantes características da literatura africana, o que a torna moderna em suas bases.

O texto literário não é autônomo em relação ao ambiente histórico e cultural em que é produzido. Ele é um modo de projeção das questões e pontos de vista que configuram esse ambiente, sintoniza-se, em alguma medida, com a percepção própria do seu tempo. Noutros termos, a experiência literária não é exclusivamente estética, mas diz respeito a um certo modo de percepção

---

<sup>14</sup> Matéria intitulada *Mia Couto: “O português do Brasil vai dominar”*, concedida à Revista Época, 2014. Retirado de: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/04/bmia-couto-o-portugues-do-brasil-vai-dominar.html>.

que é histórico-cultural, implica uma escolha discursivo-ideológica daquele que escreve.<sup>15</sup>

A velha figura subversiva do intelectualismo promovido pelos artistas, inseridos no novo contexto da África, manteve algumas das suas características. Sua autovalorização de defesa pelo “novo” basicamente se integra aos movimentos de luta pela autonomia quanto pelo progresso nacional. Há de se ter na *revolução* uma tônica ao qual postula a própria aporia da “redenção do tempo” futuro, e que, como consta em Walter Benjamin, não tentará apenas em salvar as sociedades futuras, mas também há de vingar, no mesmo nível, as comunidades do passado.<sup>16</sup> As obras que cruzaram o Atlântico podiam se dirigir ao continente praticamente como uma promessa de cura para os incômodos que ainda jaziam da colonização, talvez, pela sua falta de unidade. Um mal que o Brasil, por exemplo, também sentira em outros tempos, esse impacto que sobreveio com a independência, da ruptura, e às incertezas e problemas internos. As *dúvidas*, como resposta para um tempo “novo”, nos textos literários é um discurso que pretende essencialmente vestir-se com o véu da *modernidade*. Já que o modernismo surge como uma maneira de tentar saná-las.

Mas é claro que essa velha estrutura discursiva oriunda do pensamento essencialista do século XIX, no qual resultaria da ideia de que a identidade nacional se defenderia de uma espécie de nacionalismo

---

<sup>15</sup> CAETANO, Marcelo José. Itinerários Africanos: Do colonial ao Pós-colonial nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. v. 4 Ano IV, n.º. 2, 2007. p. 03.

<sup>16</sup> BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In. O anjo da história. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

que subsiste pela via da autenticidade racial, comporta a nacionalização dos indivíduos, e que, por via de dúvidas, deve ser colocada de lado em prol de uma nova acepção do termo, adquirida principalmente do conceito de *cultura* nacional. Via que se valorizam as contradições, as diversidades, a fluidez, a não linearidade e a não hereditariedade etc. Como definiu Benedict Anderson, a nação deve ser concebida originalmente como “uma comunidade política imaginada”<sup>17</sup>.

Em entrevista concedida ao Saraiva Conteúdo<sup>18</sup>, Mia Couto fala brevemente sobre sua trajetória política e a sensível relação com as palavras que mantém. Para o escritor, hoje, a literatura africana cresceu significativamente. Tornou-se plural, “tornou-se literaturas”. Mia Couto diz que as suas marcas fincadas da poesia vieram ainda quando criança, enquanto na sua casa todos viviam “em estado *inconteste* de poesia”.

O meu pai nos ensinou a olhar para as pequenas coisas, ao jeito das lições de Manuel de Barros, procurando brilhos entre poeiras e cinzas no chão. Numa sociedade colonial muito violenta ele nos conduziu a descobrimentos na vida e por nós mesmos o que os livros depois revelaram.<sup>19</sup>

Já se escreveu mais de vezes que o papel do escritor, em parte, será sempre tanto mais universal quanto seja ele mesmo também um porta-voz da sua própria cultura. E que assim a sua obra ganhará a imortalidade proporcional à marca deixada pelo seu tempo, como valor

---

<sup>17</sup> ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1991. p. 14.

<sup>18</sup> Ver: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/45036>

<sup>19</sup> Entrevista concedida ao Saraiva Conteúdo em 2012. Fonte: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/45036>



testemunhal da história. Mesmo se alguns insistirem em intentar viver uma propalada e restrita vida interior, isolando-se definitivamente do mundo, irão contradizer a regra própria da sua existência social. Sendo assim, todo sujeito histórico fará sempre, via de regra, parte do que se chama de “comunidade imaginada”<sup>20</sup>.

Mia Couto diz que foi privilegiado em nascer na África, em Beira (1955), Moçambique. É pela verve do olhar realista, combinada a sua experiência de escritor, que o poeta nos fala dos *machimbombos* e da vida popular em Moçambique, dos mistérios e das crenças celebradas na vida popular. É assim que ele converte em uma outra realidade o seu país. Recriar as faces desses mundos, homens e mulheres, que lhe cercam pelas suas histórias, saberes e costume popular. Cujos pés constroem as danças mais belas da sua cultura, e que recriam do fundo do colonialismo, mesmo nos ombros dos maltratados, tantas feições por eles conservadas nas práticas coletivas, como algo verdadeiramente singular. Seu conhecimento não é sempre o de quem observa os fatos, mas de um sujeito que vivencia nessa íntima ressonância. E que carrega consigo muito do segredo da cultura popular do “seu” povo, do que há de mais verdadeiro nessa outra parte do africano em Moçambique.

A fala de Mia Couto é propriamente a da fisionomia cultural do seu país. Da complexa *espiritualidade* nacional que subsiste hoje, a parte específica que não pode ser adquirida facilmente num “mercado”

---

<sup>20</sup> ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

de conhecimento ou de sentimentos. São expressões por direito humano e por direito de vida, um tecido materializado por símbolos e gestos culturais legados pela história de Moçambique. O simbólico do corpo e da alma de um povo, de *ser no mundo*, como num composto de elementos que produz a substância da coletividade, os “condicionantes” do seu cotidiano, etc. Sendo assim, torno a dizer que tudo o que o escritor e indivíduo faz, interpreta ou diz corresponde, em parte, a uma força dialética com o social. A escrita da realidade é algo intimamente ligado às relações com a história, a memória e a identidade. Essa íntima relação é oriunda das variáveis e das aproximações entre a unidade e a diversidade, o conhecimento e a experiência, o “nós” e a “psique”, ambos se recriam formando uma “teia” de sentidos individuais. Ao longo da vida alguns símbolos vão ganhando imortalidade. Essa imortalidade é concebida no “ventre do povo”, no seu cotidiano, responsável por si – ou seja, pela gestação das suas histórias, memória e cotidiano.

Mia Couto, no romance *Terra Sonâmbula* (1992), trabalha numa realidade recriada pela guerra moçambicana. Nessa trama narrativa também se desenvolve uma sensibilidade em torno do tempo. Mas o mais significativo em suas histórias são exatamente os efeitos que o tempo pode ter provocado com a guerra. A metáfora ao tempo é circunscrita a tudo que a guerra pode gerir na vida dos homens: “nos rios viajam as esperanças”, diz ele. A natureza parece ser a única a resistir ao tempo da guerra. Ele recria uma imagem destruída pela

brutalidade dos conflitos, uma imagem que o moçambicano carrega dentro de si. No tempo da guerra, e das fragilidades, se corroboram muito essas sensações de tempo futuro. O próprio termo *esperança* está imbricado por uma crença emocional que se dirige para frente do presente vivido. É algo que transita no espaço das possibilidades e que deve ser o contrário do que se “vive” no presente imediato. Talvez uma “graça” esperada, a estátua da esperança olha sempre para frente, com o cristianismo ela também passou a olhar para os céus, com as mãos sempre estendidas em gesto de fé e expectativa. “Na guerra contar histórias alimentava os desejos pela fantasia. Em que muito o sentimento da guerra fazia calar”<sup>21</sup>. Além disso, ele sabe que não basta ver o hoje ou ter visto o que passou. Nas guerras dos homens o *tempo* futuro, além de apaziguador, é sinônimo de mudança.

Na experiência da guerra moçambicana se assentam também algumas possibilidades conceituais para a “nova história”, já que como expressa acima: as histórias preenchem o vazio da guerra que “fazia calar” e nutria a vontade de fantasia dos homens. É esse o intuito das histórias que são ditas na guerra, o de preenchimento: contar, fazer imaginar, recriar, fantasiar, deixar o tempo *passar* sem percebê-lo, etc. No entanto, outros exemplos também atravessam essa compreensão. Além de mexer com as questões das lembranças dos personagens, às vezes, em sentido conceitual, há uma compreensão metafórica que dimensiona a imagem recriadora da estrada como lugar de

---

<sup>21</sup> COUTO, Mia. Terra Sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 77.

temporalidade. O *machimbombo* (autocarro) é um intermediário dessa relação de temporalidade (passado-futuro), ou de lugar fixo. O *machimbombo*, abandonado na estrada, destruído pela guerra, serve de abrigo aos personagens Tuahir e Muidinga no livro *Terra Sonâmbula*. É neste sentido que quase tudo gira em torno destes lugares marcados pela guerra, exceto os *cadernos de Kindzu* que já trabalha em outro tempo, o tempo da narrativa dentro da história. Ele nos mostra a angústia e o conflito vivido tanto pelo indivíduo quanto pela sociedade, a fluidez dos valores e a evolução rápida da realidade.

De novo, a morna monotonia se instala. Para distrair o tempo, tiram o banco para fora do autocarro e colocam-no no meio da estrada. Sentam-se a apanhar sol, com mais prazo que os lagartos. Muidinga repara que a paisagem, em redor, está mudando suas feições. A terra continua seca mas já existem nos ralos capins sobras de cacimbo. Aquelas gotinhas são, para Muidinga, um quase prenúncio de verdes. Era como se a terra esperasse por aldeias, habitações para abrigar futuros e felicidades. Mas o mato selvagem não oferece alimento para quem não conhece seus segredos. E a fome começa a beliscar a barriga daqueles dois. O estômago de Muidinga ronrona.<sup>22</sup>

E já que falamos em cultura nacional ou em *identidade* nacional, dizemos da cultural como sendo aquela que atravessa todas as esferas sociais. Essas realidades identitárias só podem ser lidas, segundo Stuart Hall, a contrapelo. Nessa concepção, quando falamos em identidade nacional queremos nos referir, acima de tudo, não a uma unidade político-social, mas às singularidades. Ela possui uma

---

<sup>22</sup> COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Op. cit., p. 49.

multiplicidade constituída por discursos, práticas e posições que ora se cruzam e ora se tornam antagônicas. É nessa luta pelo autorreconhecimento ou pela autossatisfação que se encoberta a luta pelo reconhecimento “do outro”.

Esta concepção de identidade inflamada pelo discurso “Essencialista” do século XIX esteve vinculada ao papel fundamental da nacionalidade como fonte principal da identificação nacional do sujeito. O sujeito moderno perdia completamente a sua subjetividade neste processo. Sendo assim, a nacionalidade viria sempre em primeiro lugar. A nacionalidade deveria ser algo verdadeiramente sagrado.

Hoje percebemos que essa concepção de identidade nacional deverá, a todo o instante, transcender a esfera do Estado-nação, não se pode submeter ou se nutrir mais dela, da esfera política. Já que o cultural está em todos os domínios da sociedade. O que corresponde, neste sentido, a conceber a imagem da nação mais como uma “comunidade simbólica” do que meramente como uma nacionalidade consolidada a partir de uma acepção que se instala nos limites territoriais, linguísticos, tradicionais da memória e dos seus antepassados. Saímos desse espaço essencialista em que a identidade nacional se reduziria aos símbolos nacionais, valores, idioma, espírito e tradição e alcançamos a ideia de uma “cultura nacional” que celebra, por outro lado, os símbolos diversos, imagens e discursos variados. A identidade nacional deve ser concebida como uma aura da “comunidade imaginada”. Tudo que é inventado na literatura ou na historiografia.

Pela mídia, pelo povo, pelas narrativas míticas, tradições e pelas artes. Nesse sentido, o que deve prevalecer são as formas que interligam passado-presente, e que conectam o passado ao futuro na busca de uma atualização das formas simbólicas, das práticas da modernidade como um discurso atual.

As revoluções comunistas do século XX foram, talvez, em certa medida, antinacionalistas. No III Congresso da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) instituiu-se um programa socialista. A política interna do partido foi exatamente a nacionalização do ensino, bancos, assistência médica etc. A Frelimo havia conquistado o poder ao fim da guerra de independência. Desde o início do governo de Samora Machel que Moçambique passou a enfrentar problemas graves de guerra civil (1977-1992). Principalmente após a instabilidade da política externa com os países vizinhos, a África do Sul e a Rodésia. É mediante este quadro que Mia Couto fala, em *Terra Sonâmbula*, “para” um país e “sobre” um país cujo elemento do *tempo* é claramente um divisor de águas. Um tempo com sonhos e esperanças remotas, numa realidade instituída pela guerra, com uma áspera agonia, a destruição, o medo que lhe retiraram, talvez, a vida, porque a guerra lhe retirava o tempo, o tempo cotidiano. O sentimento natural que corre com o tempo é outro, este novo tempo é sentido e ditado pela guerra, ele cria novas percepções de ritmos a outro cenário para a realidade vivida em *Terra Sonâmbula*. É claro que na sua obra Mia Couto procura também mistificar Moçambique, não se trata apenas da sua leitura, mas do

sonho por trás de um país dividido. Como ele atesta, sua experiência foi em parte vivida pela guerra que hoje constitui parte da sua obra. Foram mais da metade de anos seguidos da sua vida consumida pela guerra.

No programa *Roda Viva* (2012) Mia Couto compartilha um pouco sobre a sua experiência de criança em Moçambique, e diz ter sido, obviamente, marcada brutalmente pela guerra. Nesta conversa ele explica como soube, mesmo vivendo sua infância numa realidade tão brutal, traduzir essa experiência em fabulações. A fabulação, diz ele, é um elemento próprio da literatura, é uma forma de se pensar o mundo, e não é, nem nunca será menos real do que qualquer outra disciplina. Esse foi o caminho escolhido para contar sobre a cultura popular moçambicana, com suas introjeções entre a cultura oral, latente na África, e a escrita. Mia Couto comenta que na condição de biólogo – que o obriga a percorrer muitos lugares do país em visitas constantes – ele acaba se deparando com muitas casas, grupos, famílias e vários lugares que, na verdade, não pertencem a ele. Ele fala que mesmo com tantas casas visitadas, exploradas nos seus textos literários, ele, na verdade, não reside em nenhuma delas.

Como atesta Hall, essa é uma maneira que encontramos para falarmos de nós mesmos. Na construção de vários discursos sobre o que deveríamos ser ou o que talvez sejamos de fato, algo que é freudianamente necessário às sociedades.

Em cada momento do presente vivido, os homens se *autorrepresentam* no imediato da sua vida e é a partir dessas

articulações entre experiência e expectativa que a realidade é concebida. Não se pode ter um sem o outro, experiência e expectativa se necessitam mutuamente na realidade histórica. Ao se entrecruzarem, passado e futuro, obtemos o tempo da história. Temos mais do que isso, na verdade, temos uma história concreta. Ambas as categorias são para Koselleck duas formas meta-históricas. Ou seja, o espaço de experiência é o passado recebido pelo presente e o horizonte de expectativa é o futuro atualizado. É nessa junção entre um e outro que resulta a realidade histórica, individual e coletiva. Como aponta François Hartog o “escrito vale como prova” e “passado e futuro só se encontram no presente”, indagando sobre as dimensões da temporalidade: “não seria já, ao se olhar a si mesmo no passado, uma forma de dirigir-se às ‘pessoas do futuro’, que, por sua vez, deverão abster-se de esquecer que nada, nunca, permanece no mesmo lugar?”.<sup>23</sup>

De fato, a única coisa que acontece é a consecutiva mudança da paisagem. Mas só Muidinga vê essas mudanças. Tuahir diz que são miragens, frutos do desejo de seu companheiro. Quem sabe essas visões eram resultado de tanto se confinarem ao mesmo refúgio. Por isso ele queria uma vez mais partir, tentar descobrir nem sabe o quê, uma réstia de esperança, uma saída daquele cerco.

– Você quer sair, não é

– Quero, tio. Esta estrada está morta.

– Esta estrada está morta!? Mas não entende que isso é muito bom, esta estrada estar morta é que nos dá boa segurança?

– Mas nós, desta maneira, não vamos a lado nenhum....

– Isso quer dizer que também aqui não chega ninguém.

---

<sup>23</sup> HARTOG, François. Evidência da história: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 59.



Antoine Prost afirma que qualquer forma de comparação estabelecida entre passado e presente já nos pressupõe, por si só, que o “tempo da história seja objetivado”. Pois se é visto do presente, como fazemos normalmente, essa comparação torna a supor que há um tempo já decorrido<sup>24</sup>. Até porque nunca haverá identidade sem passado, assim como não haverá presente sem que, antes, invoquemos a relação futuro-passado, e que não é algo totalmente consciente.

Não quero me prolongar com explicações teóricas sobre a catarse do tempo histórico como sendo a ponta de lança da história; a mais valiosa matéria bruta extraída pelo historiador é o tempo: sua matéria-prima. Mas visto dessa forma é de grande importância estabelecer uma leitura sobre a representação do tempo na literatura africana. É comum a constante busca por uma visão do “tempo” numa concepção essencialmente europeia-ocidental da literatura. O filósofo Paul Ricoeur, por exemplo, esmiúça uma concepção da representação do tempo a partir de grandes escritores europeus como Thomas Mann e Gustave Flaubert. Ricoeur entende que a relação entre história e literatura acontece, naturalmente, na “prefiguração do tempo possibilitada pela leitura”<sup>25</sup>. Poucas são as teorizações do tempo representado de quem fala “pela” e “da” África. Uma outra concepção de tempo que pudesse emergir da literatura africana e que não nos chegasse mais apenas através de um olhar europeu. Poderia ser uma

---

<sup>24</sup> PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 104.

<sup>25</sup> RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. 1994.

contradição falar do tempo representado na literatura africana através de uma teoria do “tempo” que nos chega da Europa. Há um contraponto, ao passo que a teoria me possibilita pensar “o que é o tempo?”, o tempo representado na literatura africana torna a me dizer, por outro lado, da “realidade do tempo”. Por isso também seu grande valor. Essa leitura obviamente nos sugere um tempo que é interdito a partir dessa dupla relação, já que “é” a experiência quem demarca esses limites da consciência histórica, no envolvimento e desenvolvimento dos personagens no texto.

Se a obra de Jorge Amado já era em si mesma a própria afro-brasilidade do povo baiano, em Mia Couto atesta-se que a imagem mítica de Moçambique já está contida na sua própria imagem, na sua linguagem e poética. Por exemplo, o sertão brasileiro, como o que aparece em Guimarães Rosa, é a “linguagem que ela *mesma* oferece como se isto não pudesse ser dito de outra maneira”<sup>26</sup>. Neste sentido, as histórias contadas por Mia Couto talvez não pudessem ser ditas de outra forma. Encontra-se aí a marca e a sua particularidade poética. Suas palavras apontam para uma linguagem das coisas, talvez buscando o que estivesse sendo dito pela sua própria natureza. E é isso que, na minha concepção, o faz um escritor realista, ou melhor, um moderno realista africano. Mia Couto diz que o uso que ele faz de algumas palavras transborda em fantasia poética nas suas narrativas. Mas, por outro lado, as palavras ditas poeticamente, como as ditas em suas obras,

---

<sup>26</sup> Entrevista Roda Viva.

são palavras que já estavam lá antes dele. A linguagem poética é exatamente esse oposto à linguagem funcional/usual e cotidiana. Para ele, a linguagem, no domínio da poética, deve ser exatamente o lugar onde se tenderia sempre a transplantar os homens de um nível usual e reintroduzi-los ao nível do divino, do poético e do sublime.

Mia Couto diz que se talvez tivesse vivido em uma situação de normalidade, num país sem guerras e revoluções, talvez tivesse demorado muito mais como escritor. Ele diz que esses acontecimentos, que marcaram o curso histórico de Moçambique, lhe fizeram entender coisas que hoje lhe são essenciais como poeta e escritor. Mia Couto se envolveu diretamente com as lutas de independência do seu país e participou conjuntamente com a Frelimo na construção de uma Moçambique livre. Inclusive, nessa trajetória, Mia Couto esteve, junto a um grupo de outras pessoas, encarregado de elaborar um novo hino para o país após a independência. Afirma que, hoje, por conta de algumas questões de cunho político pretendeu focar-se mais na imagem de cidadão moçambicano do que nas questões de cunho político-partidário. E que hoje talvez preferisse manter uma distância mais crítica em relação ao atual governo, da Frelimo. Essa é uma crítica dirigida à Frelimo, já que, para ele, o atual governo está distante das antigas bases: corrompeu-se do velho e inocente discurso original. Por outro lado, Mia Couto reconhece o valor de experiência pessoal que obteve junto à Frelimo nesses longos anos de luta pela independência do país.

Diz Mia Couto que aquilo que era a palavra de ordem da Frelimo, “por um futuro melhor”, se perdeu por completo. Sobre o governo da Frelimo ironiza: “um dia um jornalismo indagou perguntando a um camponês: – você acha que o seu futuro está a melhorar? e ele responde: – está a melhorar sim senhor, mas está a melhorar muito mal. (risos)”.<sup>27</sup>

Na condição de biólogo Mia Couto que atua no acompanhamento e no levantamento de dados e relatórios, no campo dos impactos ambientais em Moçambique, acaba sendo agraciado com as suas várias andanças pelo país o que consequentemente o coloca diante de tantas possibilidades de histórias e relatos recolhidos das populações rurais camponesas. Existe aí um trabalho de escritor que começa primeiramente no campo, num trabalho quase de antropólogo, no recolhimento de conteúdos, dados e testemunhos, anotações etc., e que posteriormente se transforma num tempo escrito. Esse contato do escritor com os relatos de populações tradicionais: camponeses, caçadores, pescadores etc. possibilita ao escritor essa melhor leitura da cultura moçambicana, e de outras formas da realidade. Mia Couto conta, no *Roda Viva*, ter ido com um caçador fazer uma análise dos leões, no seu livro *A Confissão da leoa*, e sentia um pouco de “inveja” da forma como o caçador olhava para o chão e fazia naquele instante uma leitura que outras pessoas não seriam capazes. Diz ser dessa leitura a sua relação com o mundo de Moçambique e que transpõe em palavras

---

<sup>27</sup> Entrevista Roda Viva.

nas suas obras, é algo que o escritor-biólogo tem realmente o privilégio de poder recolher da cultura popular de Moçambique momentos que nunca serão repetidos.

Nos trabalhos que campo Mia Couto percebe que o país, assim como outros países, possui vários passados. As versões que contam nas escolas continuam sendo aquelas contadas pelos antigos vencedores, e que faz retomar aos problemas contidos na literatura contemporânea africana que é o de retomada dos discursos dos vencidos. Essas histórias populares recolhidas devem ser contadas e atribuídas igualmente valor narrativo. Dizer de uma história que é contada pelos vencedores é também dizer sobre uma concepção de tempo que também advém de uma imposição dominante.

Assim como na bagagem semântica da palavra “estrada”, o “rio” também é uma imagem que ganha profundidade nas obras do poeta Mia Couto. O rio, assim como a estrada, sugere a nós como numa travessia, um movimento, como expressaria a travessia dos tempos. Nas suas obras o rio tem uma grande carga simbólica e nos força a tentar medir essa travessia conceitual que quer dizer sobre aquilo que está para além de nós.<sup>28</sup> No seu livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* Mia Couto recobre:

---

<sup>28</sup> Mia Couto e Maria Bethânia homenagearam os 30 anos da companhia das letras com uma discursão à obra dos dois autores. O encontro entre Bethânia e Mia ocorreu no dia 26 de setembro de 2016. Foi na sala Cecília Meirelles no Rio de Janeiro. Na ocasião Mia Couto também comemorou, de forma inédita aqui no Brasil, o lançamento do livro *Sombras da água*. Retirado de: [www.youtube.com/watch?v=4ryBAE7aJok](http://www.youtube.com/watch?v=4ryBAE7aJok).

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas.<sup>29</sup>

Essa outra margem do rio, que nos fala Mia Couto, talvez deva ser entendida como algo que se encontra prematuro dentro de todos nós e que, para se tornar cada vez mais o que é, deve partir do princípio do *pertencimento* e da identificação como lugar. Seja segundo a máxima aristotélica do conhecimento (nós) e da alma (psique) ou talvez do pensamento que, muito mais além da mera significação entre sujeito e objeto, intenta busca o “em si” a partir da clássica relação entre o “uno” e o “múltiplo”. E que por ora torna a se aproximar da teoria do mito contemporâneo da “consciência coletiva”. Isto é, talvez ele deva estar sinalizando para algo que é necessário enquanto identidade ao africano, ou seja, uma busca incessantemente de “si” pelo o “outro lado”, na procura de uma fronteira, que possa, assim, ficar próximo daquilo que realmente “é” ou do que realmente se pode “ter sido”, como numa espécie de tratado filosófico que justifica a natureza cultural do homem.<sup>30</sup>

Ele evoca, certamente, um poder que denotaria da qualidade da diferenciação, da *identidade* ou do seu caráter “singular-coletivo”. A necessidade de encarar no outro o que exige o mais de mim mesmo. Já

---

<sup>29</sup> COUTO, Mia. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p. 18.

<sup>30</sup> Retirado de: [www.youtube.com/watch?v=4ryBAE7aJok](http://www.youtube.com/watch?v=4ryBAE7aJok).

que o choque dessa experiência com o outro é também necessário para se edificar os limites dessa *diferença*, a África também encontra nele o seu cadafalso. É, portanto, nessa interlocução que nasce um discurso que marcha rumo ao moderno conceito de tempo e de literatura apanhado aqui. O que devemos, então, conservar para a história como parte da relação entre experiência e conhecimento ou entre experiência e fantasia nos textos literários? Parafraseando uma passagem do filósofo Giorgio Agamben, para mim Mia Couto, nessa relação, me parece ser esse sujeito dono do conhecimento, como foi D. Quixote, ele mesmo “tem sido encantado e só pode experimentar sem nunca tê-lo”, sendo que, por outro lado, seus personagens, como o Sancho Pança, devem ser sempre os mesmos sujeitos da experiência, já que estes “só podem ter experiência, sem fazê-la nunca”<sup>31</sup>.

### **Referências:**

AMADO, Jorge. *Povo e Terra*. São Paulo: livraria Martins editora, 1972.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: Destrucción de la experiencia y origen de la historia*. Argentina: Adriana Hidalgo, 2007.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das letras, 2008.

ANDESON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1991. p. 14.

---

<sup>31</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: Destrucción de la experiencia y origen de la historia*. pp. 15-18.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

COUTO, Mia. Se Obama fosse africano? E outras intervenções. *Ensaio*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

\_\_\_\_\_, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CANDIDO, A. & CASTELLO, José A. *Presença da literatura brasileira*. Modernismo. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

CAETANO, Marcelo José. *Itinerários Africanos: Do colonial ao Pós-colonial nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. v.4 Anos.IV, nº. 2, 2007.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MAZRUI, Ali A. *O desenvolvimento da literatura moderna*. In. *História geral da África*, VIII. Brasília: UNESCO, 2010.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo horizonte: Autêntica editora, 2012.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. v.1.

Recebido em 24/03/2017, aceito para publicação em 08/08/2017